
DISCURSO E IDENTIDADE NACIONAL NA HISTÓRIA EM QUADRINHOS INTITULADA *PAPAGAIO LETRADO*, DA REVISTA *ZÉ CARIOCA*

Érica Patricia Barros de Assunção (UFPI)¹

ericapba@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho propõe-se a uma análise das circunstâncias discursivas, especificamente, na história em quadrinhos *Papagaio letrado*, inserida na revista *Zé Carioca*, edição 2.387 do ano de 2013, bem como verificar como se dá a construção da identidade nacional a partir dos discursos inseridos na mesma. Trata-se, pois, de uma pesquisa de natureza qualitativa e interpretativa baseada nas contribuições teóricas no campo da análise do discurso de Orlandi (2001) e Brandão (1996); no campo da identidade de Castells (1999), Hall (1997) e Silva (2000); e no campo dos estudos sobre gêneros textuais com Alves Filho (2011). Os resultados nos mostram que as histórias em quadrinhos do personagem *Zé Carioca* tomam por base os padrões sociais, históricos e, principalmente, ideológicos da sociedade brasileira, traduzindo-se numa estratégia da empresa Walt Disney para atrair mais leitores-consumidores no disputado mercado do entretenimento no Brasil. Na análise dos aspectos discursivos da história *Papagaio letrado*, observamos que os recursos discursivos utilizados reforçam a ideologia de firmação da identidade nacional em características estereotipadas, transformando *Zé Carioca* em mais um de nossos anti-heróis, vítima e ao mesmo tempo vilão, inserido no contexto da contraditória sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Discurso. Identidade. Quadrinhos.

1 Introdução

O personagem *Zé Carioca* foi criado na década de 40, pelo próprio cineasta Walt Disney, como uma tentativa de aproximar Estados Unidos e Brasil, através da chamada “política da boa vizinhança”, a fim de conquistar aliados para a Segunda Guerra Mundial. A criação do personagem foi uma homenagem ao cartunista brasileiro J. Carlos (1884-1950). *Zé Carioca* era personagem principal do filme *Alô, amigos* (1942) e só depois ganhou espaço no gênero de revista em quadrinhos publicada aqui no Brasil pela editora Abril, cujas histórias são escritas por vários roteiristas sob a coordenação e direitos autorais da Walt Disney.

Os desenhos em quadrinhos são um exemplo de manifestações discursivas emergidas durante o século XX, na “imprensa de massa”, representante da expressão do gênero do

¹ Graduada em Letras Inglês pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduanda em Letras Português/Francês na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Aluna vinculada ao Programa de Iniciação Científica Voluntária-ICV (UFPI) na área da Análise do Discurso.

humor. O humor das histórias é atingido pela forma que são criados os personagens e formuladas as temáticas exploradas.

Zé Carioca representa, sobretudo, uma visão criada pelos norte-americanos a respeito dos brasileiros. Há aspectos que suavizam essa visão, como a figura do papagaio para representar nossa rica fauna, a alegria, as brincadeiras e piadas de Zé que representam a alegria de um povo que gosta de festejar. Além das pitadas de críticas à sociedade brasileira, as histórias da revista *Zé Carioca* abordam o carnaval, a culinária, a hospitalidade, o futebol e, de modo geral, o “jeitinho” e características culturais do brasileiro. Essa visão dos norte-americanos sobre os brasileiros é difundida com a introdução desse personagem que conquistou aceitação, contribuindo para a afirmação dessa imagem do brasileiro como a identidade nacional do país.

Tais histórias podem levar os leitores a tomarem um posicionamento diante das temáticas abordadas e dos discursos dos personagens, tornando-se assim, peça fundamental no processo de construção da identidade nacional. Podem, também, transformar-se num instrumento de crítica social e de fazer-se enxergar as necessidades de mudanças na sociedade brasileira ou, ao contrário, contribuir para a reprodução de algumas “verdades” formadas a respeito da identidade do cidadão brasileiro.

Baseando-se nessa premissa, nós realizaremos uma pesquisa bibliográfica e interpretativa que se apoia nas contribuições teóricas no campo da análise do discurso de Orlandi (2001) e Brandão (1996); no campo da identidade de Castells (1999), Hall (1997) e Silva (2000), entre outras que nos ajudam a endossar uma possibilidade de análise das circunstâncias discursivas e da construção da identidade nacional a partir do discurso de uma história específica, *Papagaio letrado*, contida na revista *Zé Carioca*, edição 2.387 do ano de 2013. Verificaremos, a partir da mesma, como as produções discursivas podem levar a uma construção estereotipada da identidade brasileira.

2 Gênero, Ideologia e Identidade

Como gênero textual, as histórias das revistas em quadrinhos contribuem para formação de uma sociedade, bem como de padrões culturais da mesma. Nelas encontramos representações que refletem valores e crenças que possuem o efeito de “reproduzir ou

subverter a realidade social em que se inserem”, pois também são influenciadas por fatores sociais, históricos, culturais e, acima de tudo, por fatores ideológicos, portanto, não caracterizam “textos inocentes” (BORGES; MOURA, 2009).

Consideramos gênero, conforme a formulação aristotélica, a relação entre a forma de como é estruturado e organizado um dado conteúdo e a significação, o sentido desse conteúdo que é fruto de vivências. Os gêneros são, portanto, instrumentos dinâmicos carregados de significados que nos ajudam a estabelecer uma organização discursiva e, adaptados ao propósito comunicativo, servem como orientação para o nosso comportamento:

O gênero não é apenas a forma (estrutura textual), mas uma “mistura” entre o modo como recorrentemente se fala de um conteúdo (a forma) e o significado do discurso que resulta das experiências compartilhadas pelas pessoas (o conteúdo). (...) Os gêneros são como grupos sociais e os seres humanos que os usam: mutáveis, variáveis, dinâmicos, às vezes até mesmo contraditórios e irregulares. (...) São como ferramentas semióticas (...) (FILHO, 2011, p. 17, 20 e 21).

As revistas em quadrinho são produzidas com temas direcionados a um dado público que irá consumir os discursos construídos repetidamente caracterizados por um posicionamento ideológico, portanto esse tipo de cultura de massa funciona como meio de propagação ideológica.

Para Brandão (1996), o discurso é a ponte entre os processos ideológicos e os fenômenos linguísticos, ou seja, entre o campo linguístico e extralinguístico. O discurso não é neutro, e sim interativo. Ele constitui uma forma de produção social, por isso a noção de que o espaço do discurso é o espaço das conjecturas ideológicas, sendo a linguagem responsável pela transmissão dessas representações ideológicas, pois “a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente nem natural, por isso o lugar privilegiado da ideologia” (BRANDÃO, 1996, p.11).

Sobre ideologia, Orlandi (2001) diz que a mesma é a condição para que se realize a constituição dos sujeitos e dos sentidos. A ideologia estabelece uma relação entre linguagem e mundo. Nela está marcada a subjetividade, pois a ideologia e o inconsciente estão unidos pela língua. Assim, não há discurso sem sujeito, nem há sujeito sem ideologia.

Os estudos identitários estabelecem uma estreita relação com os discursivos, pois a produção de enunciados implica a definição de um posicionamento ideológico que deixará explícitas reflexões ligadas a juízos e valores sobre vários aspectos, construindo, continuamente, significados agregados a si mesmo e a outros. Portanto, o discurso possui sua importância no âmbito social e na formação identitária dos sujeitos, pois através das práticas discursivas adquirimos o poder de construirmos as nossas representações, bem como daqueles com os quais interagimos discursivamente.

A interdiscursividade é considerada a memória discursiva, é o que possibilita construir um discurso em cima de outro. De forma independente, é necessário que o já-dito tenha sido esquecido para ser lembrado no discurso que será construído. Através da relação interdiscursiva o estudo do discurso torna-se uma comparação entre discursos e a identidade discursiva estruturada, o que Maingueneau chama de “o espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (BRANDÃO, 1996).

O interdiscurso é constituído por um grupo de formações discursivas, que gerenciam o que pode ser dito, e é por meio do mesmo que o sujeito é assujeitado ideologicamente. A princípio todo o discurso é um interdiscurso, pois todos estabelecem relações com outros discursos para sustentar o sentido dos argumentos discursivos, para tanto, há estruturas discursivas preconstituídas a fim de organizar a repetição desses discursos dentro dos discursos que serão produzidos:

O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como sujeito significa em uma situação discursiva dada. (...) O interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido (ORLANDI, 2001, p.31 e 33).

Considerando os estudos sobre o discurso, podemos conceber o material discursivo como suporte para as pesquisas sobre identidade e quando tomamos como corpus discursos produzidos dentro do gênero da revista em quadrinhos, colocamos em foco o sujeito, pois ele é quem vai mediar a produção de sentidos das significações e representações dentro de um contexto sócio-histórico e ideológico.

Entender a forma que uma nação pode ser representada através de um personagem de uma história em quadrinhos nos impulsiona a analisar como as produções discursivas

influenciam a construção sociodiscursiva dessa identidade nacional. Atualmente, podemos acompanhar várias discussões sobre identidade que compreendemos como “o processo de construção de significado com base em atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 1999, p. 22). Sendo a identidade um processo em contínua construção, é relevante considerarmos que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 1997, p. 14).

A identidade tem um papel social importante de organizar os significados e valores culturais. Ao longo do processo de formação da identidade, Castells (1999) afirma que os “tijolos” dessa construção provêm da história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasia pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. A identidade, por conseguinte, é constituída de significados que são formados através do “processo de individuação” ou a internalização de uma identidade coletiva. As literaturas nacionais são, ao mesmo tempo, produtos e constituintes parciais da nação e de seu sentido coletivo de identidade nacional (HALL, 1997, p. 42). A construção da identidade nacional é, portanto, estabelecida através de “relações sociais e históricas”:

Segue-se que nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representações culturais. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade (HALL, p. 53, 1997).

Ainda segundo Hall (1997), a identidade não é construída apenas pelo que “já está dentro de nós”, mas também em razão da necessidade de uma “inteireza” completada por fatores exteriores a nós e pelas percepções que temos do que nos rodeia. Assim, as identidades nacionais não nascem prontas, são construídas e moldadas na representação que por sua vez está ligada ao poder de representar papéis sociais e culturais que quando assumidos, constituem nossa identidade:

(...) não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma

e grande família nacional. (...) Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural (HALL, p.64, 1997).

Quando tratamos de formação identitária, devemos considerar a maneira que as culturas nacionais ajudam a realizar os elos entre as diferenças na construção de uma peculiaridade da identidade nacional, diferenças essas que são estabelecidas por meio de sistemas simbólicos, “pois uma identidade é sempre produzida em relação à outra” (SILVA, p. 46, 2000). Isso reinstalou o significado de “nação”, mostrando que “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social” e que identidade “é um significado cultural e socialmente atribuído” (SILVA, 2000, p. 10 e 89).

O poder conferido a revistas em quadrinhos como meio de circulação de discursos carregados de ideologias proporciona a formação da representação nacional e contribui para produzir a diferença entre os sujeitos, pois “quem constrói a identidade coletiva, e para quem essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem” (CASTELLS, 1999, p. 24).

3 A história em quadrinhos *Papagaio letrado* sob análise

Nossa análise se focará na história em quadrinhos intitulada *Papagaio letrado* que está inserida na revista *Zé Carioca*, edição 2.387 do ano de 2013, e distribuída entre as páginas 22 e 28. Esse personagem foi criado pelos estúdios Walt Disney na década de 40 para o filme *Alô, amigos* e ganhou uma revista própria publicada no Brasil na década de 60 pela editora Abril, produzida por roteiristas brasileiros e ambientadas também no nosso país, sob a coordenação e direitos autorais da Walt Disney.

O gênero das revistas em quadrinhos é baseado em suportes intersemióticos, pelos quais se constrói um sentido resultado da complementação que a linguagem não verbal, os desenhos, dá à linguagem verbal, as falas dos personagens. A estrutura linguística da história analisada se apoia nos desenhos contribuindo para a afirmação ou formação de uma imagem do brasileiro, ou seja, os discursos responsáveis pela produção de sentido apontam e propagam o posicionamento ideológico da revista.

Na história em questão, Zé Carioca conversa com os amigos sobre o fato de os óculos com grau deixarem as pessoas aparentemente mais inteligentes e resolve usá-los também para constatar se eles lhe darão uma aparência intelectual. Portando óculos, Zé é confundido com o professor Okaba, um importante palestrante e tenta desfazer o mal-entendido, mas quando obtém a informação de que o professor irá receber um cheque “gordo” pela palestra, ele muda de ideia rapidamente e resolve usurpar a identidade do professor. Ao final da história, o professor Okaba chega e encontra a plateia dormindo, então resolve contratar Zé para fazê-lo dormir, pois sofre de insônia.

Já no início da história, quando Zé usurpa o lugar do professor por causa do dinheiro que irá ganhar com a palestra, podemos perceber a forte tendência do autor de reforçar a ideologia formadora do personagem Zé, representante da identidade brasileira, de forma negativa, como um oportunista, um corrupto que faz tudo por dinheiro, um malandro que quer se dar bem sem medir meios e consequências:

Zé: Vocês me confundiram com alguém... E sei que foi por causa dos óculos!
 Não sou nenhum prof. Okaba!
 Um dos organizadores da palestra: Ah, esse professor, sempre faz uma cena antes de palestrar e receber aquele cheque *gordinho*!
 Zé(pensando): Ch- cheque *gordinho*!
 Zé: Vamos rapazes! Tenho que palestrar lembram-se? (DISNEY, 2013, p. 24 e 25).

Dando continuidade a farsa, Zé deve proferir uma palestra sobre os avanços do país, mas em sua “palestra” ele discorre sobre outros tipos de avanços, aborda assuntos relacionados a “avanços” no trânsito, a “avanços” de namorados e faz com que a plateia literalmente durma, produzindo uma cena cômica. Esse discurso aponta para a vida levada pelo personagem tipo “malandro brasileiro”, que sem instrução de qualidade, vive na ignorância e não quer estudar, e sim levar a vida no “jeitinho brasileiro”, pois estudos e trabalho vão lhe custar muitos esforços com os quais a preguiça e a malandragem não são compatíveis.

Zé Carioca não pode falar sobre os “avanços” do país relacionados à economia, educação, infraestrutura, etc, mas sim sobre os tipos de avanço dos quais ele tem conhecimento. Isso mostra que em razão do seu perfil de malandro, Zé pertence à classe dos que não possuem instrução e por isso não possui capacidade de falar sobre questões como os

avanços que estão ocorrendo no país. Ele dá um “jeitinho” de desenvolver sua “palestra” com os conhecimentos que possui e crê que está abordando o assunto de maneira correta, o que reforça também a ideia de que brasileiro se “vira” de alguma forma, levando os leitores a crer que é dessa maneira que a maioria dos brasileiros age para sobreviver:

Zé: Bom... Então vamos falar sobre os avanços no país, certo? Pois bem... Tem muita gente que avança o sinal fechado! Não é uma baita falta de responsabilidade? Credo! E por aí tem alguns namoradinhos que avançam demais e acabam levando um sopapo no pé do ouvido! E blá, blá, blá... (DISNEY, 2013, p. 26).

A ideologia do “jeitinho brasileiro”, expressa no gênero textual em questão, é usada no alcance do efeito cômico da história e nos remete à concepção de um povo preguiçoso que vive dando um jeito corrupto de conseguir se dar bem. O reforço dessa construção identitária pode levar o leitor a ter a visão estereotipada e generalizada de que os brasileiros não estudam e não trabalham, são muitos preguiçosos para isso e por isso existe o “jeitinho” de ser brasileiro.

No contexto brasileiro de letrados e não letrados podemos analisar as posições dos atos de fala. Zé com a identidade do professor Okaba, assume outra posição de fala, como um palestrante importante, com o papel de palestrante que tem a responsabilidade intelectual de proferir uma palestra, deve manter as formalidades. A hierarquia de sua nova posição deve ser respeitada pelos outros personagens, mas depois retoma seu fiel papel de malandro que se dá bem no fim da história.

Essa troca de posição de fala mostra também as diferenças nas formações discursivas, pois Zé enquanto professor Okaba não pode ser chamado de “Zé”, esse tipo de informalidade não é aceito para se dirigir a um renomado professor. Esse vocabulário, no entanto, caracteriza o meio social não letrado de Zé Carioca em sua verdadeira posição.

A história é finalizada com a contratação de Zé pelo professor Okaba com a função de fazer com que o professor durma, mas um dos personagens que é amigo de Zé acha estranho o fato de o amigo ter aceitado o trabalho, pois Zé “odeia trabalho”. Mais um reforço é acionado para a afirmação de que o brasileiro tem aversão a trabalho, que vive de malandragem, que se vira do seu “jeitinho” sem ter que fazer muitos esforços, que tem preguiça de trabalhar, que procura viver por meios fáceis. Esse apelo discursivo com intenção

de persuadir o leitor a crer que é essa a imagem do brasileiro, que é essa a identidade do brasileiro é, na verdade, uma imagem distorcida, uma imagem estereotipada:

Amigo 1 de Zé: quem diria... O Zé foi contratado pelo prof. Okaba!
Amigo 2 de Zé: E ainda vai ganhar um bom dinheiro!
Amigo 1 de Zé: Mas o Zé odeia trabalho! Por que seria contratado??
(DISNEY, 2013, p. 28).

A presente história possui também aspectos intradiscursivos, como por exemplo, os atos de fala dos personagens sobre a propriedade da palestra de Zé, de fazer a plateia dormir, que leva o professor Okaba a crer que Zé irá livrá-lo de insônias. E podemos perceber a interdiscursividade presente nas características do personagem Zé Carioca que podem ser comparadas as de “Jeca Tatu” e “Macunaíma”, o primeiro se assemelha pelo desleixo e ignorância e o segundo pela preguiça e malandragem.

4 Considerações Finais

Concluimos que os discursos produzidos dentro do gênero da revista em quadrinhos em questão não atingem apenas os objetivos de efeitos simplesmente humorísticos, mas também de cunho ideológico no que diz respeito à construção da identidade do brasileiro. Sendo o gênero incapaz de manter a neutralidade, percebemos o posicionamento ideológico da revista que reforça a visão generalizada do brasileiro com a propagação do “jeitinho” brasileiro socioculturalmente difundido tanto no nosso país como no exterior e que tanto contribui para sua firmação.

Com esta análise dos aspectos discursivos da história *Papagaio letrado*, podemos concluir que o(s) autor (es), utilizam recursos discursivos que reforçam a ideologia de firmação da identidade brasileira em características estereotipadas baseadas na malandragem, preguiça (herança indígena), oportunismo e corrupção, transformando Zé em mais um de nossos anti-heróis, vítima e ao mesmo tempo vilão, inserido no contexto da contraditória sociedade brasileira.

Referências

- BORGES, Eliana Maria; MOURA, Sérgio Arruda de. *Discursos de identidades em tiras de humor: análise em duas vertentes críticas*. Comunicação e Filosofia. Ano 17, 2º semestre 2009. LOGOS 31. Disponível em: <http://www.logos.uerj.br/PDFS/31/o8_logos31_sergioeliana.pdf>. Acesso em 5 de out de 2014.
- BRANDÃO, Helena Hatchsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DISNEY, Walt. *Papagaio letrado* in Revista Zé Carioca. *Abril*, São Paulo, 2.387. ed. p. 22-28, 2013.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Edt., 1997.
- OLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- SILVA, Tomaz (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.